

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Cinejornais nos anos dourados: JK e Brasília em imagens em movimento

Maria Leandra Bizello<sup>1</sup>

**Resumo:** Os cinejornais e os filmes institucionais representam uma das faces da propaganda oficial durante o período da presidência de Juscelino Kubitschek. Ao lado da produção cinematográfica nacional de ficção os cinejornais e a produção institucional mesclavam uma preocupação em construir e legitimar imagens. Este estudo analisa esses filmes entendendo-os como documentos históricos desse período e discute a construção das imagens de Juscelino Kubitschek e Brasília. Analisa as imagens oficiais de JK, reflete em que medida as imagens da construção da então nova capital federal contribuíram para legitimá-lo como um presidente dinâmico, visionário e moderno. Procura também discuti-las como elementos importantes para a propaganda oficial num período dito como democrático e de franca expansão dos meios de comunicação de massa e que relações o Estado estabeleceu com tal produção.

**Palavras-chave:** cinema; história; imagens.

**Resumo:** Les actualités et les films institutionnels représentent une des faces de la propagande officielle pendant la période du gouvernement présidentiel de Juscelino Kubitschek. A côté d'une production des films de fiction, les actualités et les films institutionnels ont mélangés des préoccupations en construire et légitimer des images. Cet article étudie ces films comme documents historiques de cette période-là et il débat la construction des images de Juscelino Kubitschek et de la cité de Brasília. Il y a la analyse des images de JK et la réflexion sur la contribution des images de la construction de la nouvelle capitale fédéral sur la légitimation de JK comme un président dynamique, visionnaire et modernne. Ces images ont discutées comme éléments importants pour on a pu comprendre la propagande officielle et les relations que l'État ont établi avec la production cinématographique dans un période connu pour la démocratie et la grande expansion des **mass-médias**.

**Mots-clés:** cinéma; histoire; images.

A idealização sobre os anos 1950, principalmente a sua segunda metade, tem algumas imagens predominantes que formam o imaginário sobre o período. Esse imaginário coletivo é constituído por uma série de aspectos que não abordaremos nesse artigo, mas que em seu conjunto legou ao presente o mito dos “bons tempos”(GOMES, A.C. 1991: 1). As imagens a que nos referimos são de Juscelino Kubitschek, presidente entre 1956-1961, e Brasília, a capital federal em construção naquele momento. As relações que essas imagens

---

<sup>1</sup> Professora da UNESP/Marília, doutoranda em Multimeios – UNICAMP.

estabelecem entre si e com o imaginário coletivo possuem múltiplas dinâmicas que se estendem daquele período até o presente e muitas vezes se confundem.

A proposta desse artigo é justamente refletir sobre a produção dessas imagens no seu calor da hora, perceber as dimensões de sua construção. O repensar as imagens dos anos JK nos dias atuais é objeto constante da literatura voltada para a biografia que se mistura à produção de imagens de reconstrução de época, principalmente televisivas, elas procuram resgatar a dignidade política e moral à figura do político e do homem, sempre evocado em seu dinamismo e modernidade, mas não consegue dar-lhe outras dimensões, ou ainda recuperá-las, empreendendo um movimento de reforço do mito, da época e do homem, o que é paradoxal ao próprio mito<sup>2</sup>.

A produção de imagens do período que estudamos é imensa, recortamos um determinado tipo de imagem e a gêneros específicos: a imagem em movimento, o cinema, e os cinejornais e filmes institucionais; esse recorte documental relaciona-se ainda aos objetos de nosso estudo a imagem oficial de Juscelino Kubitschek e de Brasília. Esse corpo documental faz parte de dois acervos: o primeiro da produtora Jean Manzon Films, e o segundo está sob a guarda do Arquivo Público do Distrito Federal.

Essa documentação se entrelaça em seu momento de produção, o filme realizado pela Jean Manzon Films e a Atlântida, *As primeiras imagens de Brasília*, está ausente do acervo da produtora, nenhuma cópia foi ali encontrada, mas o Arquivo Público de Brasília tem uma cópia telecinada e disponível em VHS, pois o filme foi encomendado pela Companhia Urbanizadora Novacap. As imagens de Juscelino Kubitschek em Brasília nos levam a primeiro estabelecer a relação entre criador e criatura, ao mesmo tempo em que contempla o ritual do poder.

Juscelino Kubitschek visita as obras da construção da cidade levando consigo uma comitiva e quase sempre um convidado ilustre, estadistas e políticos: o Príncipe Bernhard, da Holanda, o secretário de Estado norte-americano Foster Dulles. Ele inaugura algumas das primeiras construções como a Capela Nossa Senhora de Fátima – Igrejinha – em 1958, o primeiro templo de Brasília, ou ainda simplesmente inspeciona as obras ao lado de Israel Pinheiro, então presidente da Novacap e primeiro prefeito de Brasília após sua inauguração, em 1960.

As imagens desse empreendimento enfatizam a grandeza do trabalho desenvolvido pelos operários – que estão muito mais na narração em off do que nas imagens propriamente

---

<sup>2</sup> Refiro-me aqui à análise de Girardet, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lúcia Machado. SP:Companhia das Letras, 1987.

ditas – e a movimentação promovida por essa construção: dezenas de trabalhadores munidos de pás e máquinas revolvem a terra, mais e mais pessoas vindas de todas as regiões do Brasil chegam para trabalhar nos canteiros de obras, num esforço concentrado de concretização de um projeto.

Projeto esse que foi denominado pelo próprio JK como “Meta-Síntese” (KUBITSCHER, J. 1978:17), dentro de um projeto maior, para o país inteiro, que o fizesse sair da estagnação e do atraso, o Plano de Metas. Brasília é para Georges Balandier (1982:11) “a ilustração mais importante” das relações entre o poder e a nação, o coletivo foi mobilizado para que tal empreendimento fosse concretizado.

Desde o momento em que Juscelino Kubitschek foi provocado por um eleitor num comício ainda em campanha presidencial sobre a mudança da capital, esse projeto foi se transformando tanto para ele mesmo quanto para a nação. A idéia de uma nova capital apesar de antiga não se realizava, JK mobilizou-se politicamente para materializá-la e em sua direção as pessoas se movimentaram. Essa movimentação foi permeada por conflitos e interesses, no entanto, aqueles que eram prós e outros que eram contra, contribuíram para que essa expressão se ligasse de forma tão íntima a Juscelino Kubitschek que suas imagens se equivalem, uma não suplanta a outra, Brasília lembra JK e JK é Brasília.

Juscelino Kubitschek aparece como o presidente que inspeciona e inaugura, ele participa na sua função de administrador maior e líder de um grupo que concebeu a cidade, do empreendimento que movimenta o país. Ele quase sempre aparece no começo dos filmes de maneira a legitimar o olhar, o espectador vê aquilo que Juscelino vê de helicóptero, a pé, de jipe. Mas a câmera logo passa a privilegiar as construções, as estradas que ligarão Brasília a todas as outras capitais do Brasil.

Os visitantes ilustres que JK leva para Brasília ficam extasiados, segundo os diferentes narradores, com o tamanho do projeto do qual apenas ouviram falar, a força e a coragem daqueles que o comandam e dos que o colocam em ação; descerram placas de futuros edifícios que representarão seus países e instituições; andam sobre o terreno desmatado e por entre esqueletos de edifícios em construção.

Tanto as imagens como as narrações enunciam o caráter épico do empreendimento da nação comandado por JK. A imagem do líder dinâmico e empreendedor está intrinsecamente ligada a construção de Brasília, os constantes deslocamentos do presidente da então capital, Rio de Janeiro, ao Planalto Central para acompanhar mais de perto a execução do projeto da nova capital, dá expressividade ao poder que não se limita a recepção de

autoridades, mas em mostrar como um projeto sai do papel, mobiliza pessoas para enfim mostrar-se pronto.

Analisando as fotoreportagens sobre Brasília nas revistas O Cruzeiro e Manchete entre 1956 e 1960, Adriana Hassin nos mostra como elas

*antecipam e colaboram no processo de construção de Brasília, noticiando-a e popularizando-a entre o público-leitor ao redor do Brasil. As fotoreportagens assumem um cunho presentificador e pedagógico da nova capital, em resposta às demandas e ansiedades de seu público leitor (SILVA, A.H. 2003:192).*

A discussão sobre Brasília faz com que ela exista ainda antes de estar construída e inaugurada, fortalece-a simbolicamente. Se ela é, em sua concepção, símbolo da modernidade, o debate em torno de sua construção material estende-se para outras esferas colocando-a no imaginário coletivo não apenas por meio das palavras, no caso das revistas e jornais, mas através das imagens como nas fotoreportagens das revistas ilustradas nas quais as relações entre texto e imagem dão a dimensão do processo de construção da cidade. As imagens dos edifícios em construção fazem com que o leitor siga e debata a cidade, para o Brasil dos anos 1950 isso era algo inédito.

Os cinejornais podem ser entendidos nessa mesma direção, as imagens em movimento também apresentam o caráter *presentificador e pedagógico* (SILVA, A.H. idem) das revistas ilustradas e são uma espécie de outro lado da rua no olhar que é estabelecido sobre Brasília.

O projeto e a construção de Brasília também serviram como um elemento realizador da estratégia de persuasão da sociedade (RODRIGUES, G. M. 1990:40) com argumentação ideológica, a do nacional-desenvolvimentismo. A nova capital tinha como já abordamos um caráter simbólico que participava de um projeto propagandístico com um aparato de convencimento diferente do realizado pelo Estado Novo, no primeiro governo de Getúlio Vargas. Não havia mais um Departamento do Estado responsável pela propaganda, mas as ações estavam sintonizadas umas às outras. Convencer a nação sobre a necessidade da construção de Brasília exigiu um esforço que congregou pelo menos quatro movimentos:

*Um, uma espécie de “corpo a corpo” com a sociedade, que consistia em patrocinar conferências, palestras, congressos, etc., em todo o País (e no exterior),... Outro, que era a propaganda no próprio território, no palco onde se desenrolava o acontecimento, isto é, no canteiro de obras...E um terceiro movimento, que consistia em utilizar os meios de comunicação: rádio, televisão, jornais, revistas e até o cinema, através dos cinejornais. E, finalmente, o quarto, que era a própria atuação*

*do presidente da República, através dos seus pronunciamentos sobre Brasília.*  
(RODRIGUES, G.M. idem: 38)

As relações entre cinema e Estado no período JK já estavam sedimentadas desde a década de 1930, a continuidade dessas relações marcou a década de 1950. Os cinejornais eram obrigatórios nos cinemas brasileiros antes dos filmes de longa-metragem, eram entendidos como educativos para cidadãos, orientações audiovisuais geralmente produzidas pelo próprio Estado para educar o olhar, os ouvidos e convencer.

A administração da NOVACAP entendia então ser fundamental estabelecer essa relação visual de cunho educativo, de educação do olhar que utilizava os meios de comunicação tanto quanto o Estado Novo, mas com diferenças na produção desse material. Se na Ditadura Vargas, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) produzia os filmes e as imagens oficiais além de controlá-las, o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek não desenvolveu um aparato de produção similar. Essa produção implicou em estabelecer relações comerciais e políticas entre o Estado, as produtoras e os meios de comunicação em geral.

Isso não significou um Estado desprovido de meios de comunicação de massa, a Agência Nacional ainda estava ligada ao governo federal, assim como Juscelino Kubitschek usava a Rádio Nacional através da Voz do Brasil, em 1958 inaugurou a Rádio Nacional de Brasília com o intuito de levar para os lugares mais distantes do país as notícias sobre construção da capital federal (RODRIGUES, G. M. ibidem, 45). Além disso, JK tinha um grupo de intelectuais que escreviam seus discursos dirigindo-se de modo particular para cada público que o ouvisse. Desde governador de Minas Gerais a preocupação em falar e cooptar o público foi tratado com cuidado pelo presidente que sempre se cercou de poetas, escritores, intelectuais, cientistas e artistas.

Dessa forma podemos entender que o estabelecimento da propaganda oficial dos anos JK não dependeu exclusivamente de um aparato autoritário construído pelo Estado, nem por isso deixou de ser autoritária na medida em que usou os meios de comunicação de massa para atingir e cooptar ideologicamente a opinião pública.

Na produção de cinejornais e documentários as mais diversas produtoras eram contratadas tanto pela NOVACAP, no caso específico da construção de Brasília, pelos ministérios do governo de JK, assim como pelo próprio gabinete do presidente quando ele mesmo sentia necessidade.

Para entender melhor essas relações escolhemos da massa documental definida no início do artigo dois filmes para discutirmos a construção da imagem oficial de Juscelino

Kubistschek e de Brasília. Se a construção das imagens oficiais faz parte da propaganda oficial, as relações de produção dessas imagens são permeadas por contratos, jogos políticos e favores pessoais.

As imagens de Brasília foram produzidas por câmeras de diversas produtoras, contratadas pela NOVACAP para a produção de cinejornais e documentários, como a Libertas Filmes, Jean Manzon Films, Persin Perrin Produções, dentre outras (RODRIGUES, G.M. *ibidem*, 96). Os cinejornais encomendados pela NOVACAP receberam o nome de Brasília e foram realizados em série, nos deteremos sobre o de número dez, de junho de 1958, com temática voltada para as inaugurações das primeiras edificações da futura capital federal. Inaugurou-se primeiro a Capela Nossa Senhora de Fátima, conhecida por “Igrejinha”, a presença de JK e sua família e a benção dada pelo arcebispo de Goiás, Dom Fernando Gomes dos Santos, nos mostra que a Igreja Católica é a primeira instituição a se fixar na terra desmatada da nova capital, o empreendimento está devidamente protegido das forças do mal, das ações da oposição, o plano espiritual está garantido. O próximo bloco de imagens tematiza a inauguração da estrada Anápolis-Brasília. As imagens privilegiam JK e Israel Pinheiro, automóveis e motocicletas em movimento na estrada recém-inaugurada. A construção da meta-síntese implica no andamento das outras metas planejadas pelo governo; essas imagens abordam muito mais do que uma inauguração, é uma espécie de prestação de contas do que estava acontecendo em Brasília ao mesmo tempo em que mostra o processo de desenvolvimento então proposto.

A inauguração que segue á da estrada é a do Palácio da Alvorada. O evento congrega um grande número de autoridades entre civis, militares e religiosas essas últimas têm novamente na imagem de Dom Fernando, o representante que legitima espiritualmente através da missa a inauguração. O momento também foi oportuno para a entrega de credenciais ao novo embaixador de Portugal no Brasil Manoel Rocheta. Brasília já funcionava como capital federal, ali se recebia não apenas com o intuito de mostrar o processo de construção, mas era importante para o fortalecimento do papel da nova capital, mostrava-se assim que era possível exercer a diplomacia em meio a operários, tijolos, areia, cimento e aço. Finalmente, há a inauguração do Hotel de Turismo e imagens aéreas da cidade, o espectador já sabe agora que Brasília se concretiza aos poucos, os passos não são lentos, o cinejornal ao tratar todos esses eventos juntos quer mostrar o dinamismo do empreendimento.

Em Eisenhower no Brasil, realizado em 1960, pela Jean Manzon Films, financiado pela USIS – United States Information Service , JK aproveita a visita do presidente norte-

americano para fazer o primeiro grande ensaio de inauguração da capital. Ali, sob chuva, cumprem-se os rituais de chegada: o cumprimento entre ambos os chefes de Estado, a revista das tropas e a multidão, esta última é fator importante em qualquer visita de chefe de Estado. Eisenhower é recepcionado e ovacionado por ela, há papéis picados, sorrisos e acenos dos estadistas. Os cortejos nos quais a multidão tem um papel fundamental são completamente isentos de incidentes: os planos médios e os closes permitem a redução do campo da imagem onde, como já destacamos, a multidão é representada pela chuva de papéis picados ou pelo barulho de vozes.

Em Brasília, a multidão no Palácio da Alvorada ouve o discurso de Ike que é silenciado no filme. No seu lugar a interpretação do narrador:

*“Sempre sob o calor das aclamações populares, as quais agradece sorrindo o presidente Eisenhower pronuncia seu primeiro discurso em terras brasileiras (pausa). “Brasília – diz ele – é uma epopéia digna das vastas possibilidades e aspirações desta nação.”*

Depois dos discursos e sorrisos para a multidão a ênfase desloca-se para a inauguração da pedra da embaixada dos Estados Unidos em Brasília e o final do dia com um plano panorâmico da Alvorada, solitário no descampado.

No Rio de Janeiro, Eisenhower é recebido no Arsenal da Marinha por JK numa solenidade que mais parece a de sua chegada ao país: juntos ouvem os hinos nacionais, apertam as mãos, fazem discursos. A câmera está em close, quando ambos os presidentes estão discursando. Há o passeio pela Avenida Rio Branco, o jantar no Itamaraty, com outro discurso novamente silenciado pelo narrador que informa o provável tema – a Operação Pan-Americana. Em São Paulo, o novo passeio de carro pelas ruas, agora sob chuva, e o jantar com industriais, políticos, o então governador Carvalho Pinto e Juscelino Kubitschek. A volta ao Rio traz mais um jantar de Ike para JK e seu retorno para os Estados Unidos. Esta visita está envolta por um clima de tranqüilidade e amizade onde os dois presidentes trocam sinais de amizade em apertos de mão, sorrisos, jantares, passeios. A câmera privilegia Eisenhower, entretanto, podemos perguntar o que há por trás dessa viagem aparentemente tão bem sucedida e agradável às lentes das câmeras da Jean Manzon Films?

Essas imagens escondem o clima morno e desgastado que existia entre o Brasil e Estados Unidos apesar dos esforços de JK, com a OPA – Organização Pan-Americana, em mobilizar os EUA e os vizinhos latino-americanos. A reação norte-americana era cautelosa. Eisenhower, num primeiro momento acenou para a idéia, entretanto não passou desse aceno.

A visita realizada em 1960 acontecia dois anos após o lançamento da OPA e Ike ainda dizia não conhecê-la efetivamente. O ocultamento de incidentes durante sua visita refere-se por sua vez à desastrosa viagem do vice-presidente norte-americano Richard Nixon, em 1958, pela América Latina. No Brasil, por trás das imagens edulcoradas, segmentos da sociedade, como os estudantes ligados a UNE, manifestaram-se contra a visita de Eisenhower, que por sua vez, saiu-se muito bem procurando anulá-las através do riso e do bom humor.

A preocupação central dessas imagens é assegurar a JK e Brasília um caráter positivo e sem contradições aparentes legitimando-os através do discurso em imagens.

### **Referências Bibliográficas**

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lúcia Machado. SP: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro(org.). *O Brasil de JK*. RJ: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.

KUBITSCHKE, Juscelino. *Cinquenta anos em cinco. Meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978, v.3.

RODRIGUES, Georgete Medleg. *Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília*. Dissertação de mestrado, Brasília-DF: Instituto de Ciências Humanas/UnB, 1990.

SILVA, Adriana Hassin. *A modernidade em alvorada: Brasília e a imagem do Brasil moderno no fotojornalismo d'O Cruzeiro e da Manchete (1956-1960)*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.